

Ditaduras e exílio: uma história da identificação com o feminismo

Priscila Carboneri de Sena, UFSC¹
pcarboneri@yahoo.com.br

Isabel Cristina Hentz, UFSC²
ichentz@gmail.com

O final do século XX marcou profundamente a vida de pessoas envolvidas com a luta contra governos ditatoriais e repressivos, como é o caso daqueles e daquelas que resistiram, de alguma forma, às ditaduras militares nos países do Cone Sul. As redes de informações e o aparelho repressivo que serviram de sustentação para os regimes militares geraram inúmeras torturas e mortes de indivíduos vinculados à resistência. Além disso, o exílio também foi uma consequência de todo o aparato repressivo que se formou durante os regimes de exceção.

Os exilados e as exiladas dos países do Cone Sul partiam para diferentes destinos. Os países da América Latina em determinados momentos, serviram de refúgio, como é o caso da Argentina e do Chile, principalmente (o Chile era um país bastante procurado para o exílio, por sua tradição marcadamente democrática em relação aos outros países da América do Sul, mas por ocasião do golpe militar de Pinochet, muitos foram os que tiveram que se exilar pela segunda vez³). Outros locais procurados para o exílio eram a América do Norte, a Europa e a África⁴.

Os destinos dos exilados das ditaduras militares do Cone Sul são diversos e todos são importantes de serem estudados. Apesar disso, focalizamos nossa análise em mulheres brasileiras, chilenas e bolivianas cujos destinos do exílio foram países europeus e que lá tiveram contato com discussões e/ou grupos de cunho feminista. Além disso, procuramos perceber como esse contato mudou seus modos de pensar a relação estabelecida entre homens e mulheres de posição partidária de esquerda.

Esse estudo baseia-se, primordialmente, em relatos orais. Até mesmo a bibliografia consultada é fruto de um intenso trabalho com entrevistas de exilados e exiladas. As entrevistas utilizadas como fontes⁵ são resultados dos projetos “Os feminismos e os movimentos sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul: uma história comparativa (1960-1980)” e “Relações de gênero na luta da esquerda armada: Uma perspectiva comparativa entre os países do Cone Sul”,

¹ Bolsista IC, orientada pela Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff

² Bolsista PIBIC/CNPq, orientada pela Prof. Dra. Joana Maria Pedro

³ GONZÁLES, Loreto Rebolledo. **Memorias del desarraigo**: testimonios de exílio y retorno de hombres e mujeres de Chile. Santiago: Catalonia, 2006.

⁴ Idem.

⁵ Essas entrevistas estão disponíveis no acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

coordenados respectivamente, pelas professoras doutoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff.

Ditaduras e Exílio

Bolívia, Brasil e Chile foram países que serviram de palco para governos ditatoriais nas décadas de 1960 a 1980. Uma das características principais dessa forma de governo, nos três países, foi o forte combate contra os opositores do regime; dessa maneira a censura à imprensa, às artes e a outras formas de contestação foi uma constante. Até mesmo conversas informais ou de salas de aula eram censuradas. A fiscalização era intensa.

Esse clima de medo, insegurança e falta de liberdade levou muitos homens e mulheres à clandestinidade e, devido a essa situação perigosa muitos partiram, posteriormente, para o exílio. Este fenômeno ocorreu de diversas maneiras: algumas pessoas partiram por conta própria, em virtude do clima de insegurança em que viviam; outras, por serem presos políticos tiveram sua liberdade negociada em troca da liberdade de autoridades seqüestradas pelas organizações de esquerda. Aqueles e aquelas que se exilavam por opção, eram tanto militantes de organizações de esquerda, quanto cidadãos comuns que pensavam em um projeto político distinto daquele vigente em seu país de origem.⁶

A respeito da memória do exílio no Chile, Rebolledo afirma: “... o exílio tendeu a ser construído como uma memória masculina...”⁷. Para essa autora, o exílio é reconhecido mais como um espaço de homens devido a maior quantidade de homens que chegavam ao Chile, como exilados. Outro exemplo disso foi o caso do seqüestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, no Brasil. Ele foi trocado pela liberdade, ou melhor, exílio de 15 presos políticos; dentre esses havia apenas uma mulher, Maria Augusta Carneiro.⁸

No que diz respeito à questão do exílio nos países do Cone Sul, é importantes ressaltar que o território chileno era bastante procurado pelos indivíduos que buscavam asilo político. Tal constatação se devia ao fato de que esse país possuía uma tradição política democrática bastante acentuada. Com o golpe de Pinochet, no ano de 1973, esse panorama foi modificado. Seguir em direção ao Chile, a partir daquele momento tornou-se arriscado, não era mais sinônimo de maior segurança para os militantes e para as militantes de esquerda. Dessa maneira, outras regiões passaram a servir de destino às pessoas exiladas, como é o caso de países europeus. Muitos dos exilados e das exiladas que se encontravam no Chile na instauração do governo militar migraram

⁶ ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁷ GONZÁLES, Loreto Rebolledo. Op. Cit. p. 17.

⁸ MOREIRA, Maria Helena Alves. **Estado e oposição no Brasil** (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1985.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

para território europeu. Mesmo nesse “exílio no exílio”, como denominou Denise Rollemberg, os homens eram maioria.

Apesar de nas estatísticas a maioria dos exilados serem homens, os casos de mulheres exiladas, tanto refugiadas no Chile, quanto em países europeus, também são bastante significativos. Rollemberg nos conta que houve, no Brasil, duas situações distintas de exílio para as mulheres: uma no ano de 1964 – ano do golpe militar -, quando a maioria exilou-se para acompanhar seus maridos que atuavam politicamente; outra, em 1968 - ano em que o Ato Institucional número 5 foi decretado - quando saíram em virtude de suas próprias convicções políticas.

Muitas das exiladas foram a países que estavam vivendo a “Segunda Onda do feminismo”, que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial⁹ e consistia em discussões e reivindicações sobre o direito ao corpo, ao prazer, e lutas contra o patriarcado.¹⁰ Foi justamente no exílio que muitas mulheres entraram em contato com o feminismo. Veremos, a seguir, como a experiência do exílio influenciou a trajetória de identificação com o feminismo de diversas mulheres do Cone Sul a partir da narrativa de algumas delas.

Mulheres no exílio: trajetórias de identificação com o feminismo

Várias regiões da Europa, como França, Suécia, Alemanha, Espanha, entre outros, concederam asilo político a muitos exilados e exiladas que necessitavam deixar sua pátria. Dentre essas regiões, a França foi o país onde mais eclodiram discussões de cunho feminista.

Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro¹¹ nos contam sobre a existência de dois grupos formados por mulheres, em sua maioria exiladas, brasileiras e de outros países latino-americanos, na França, na década de 1970. Eram eles: “*Nosotras*” e “O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris”.

As discussões feministas neste período giravam em torno das experiências vividas em comum pelas mulheres. Em reuniões, discutiam questões cotidianas relacionadas à sexualidade, ao aborto, à opressão delas pelos maridos. A partir dessas discussões, muitas mulheres interiorizaram as demandas feministas, questionando, assim, sua própria prática cotidiana. Então, surgiram os

⁹ PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. Vol 26, n.52. Dezembro de 2006. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882006000200011&script=sci_arttext>. Acesso em 27 abr. 2009.

¹⁰ É importante lembrar que o feminismo de primeira, também chamado de sufragismo, onda lutava por direitos civis, como o voto.

¹¹ WOLFF, Cristina Scheibe; PEDRO, Joana Maria. *Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris*. **Revista ArtCultura**. Uberlândia, v.9, n.14, 2007. p.55-69.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

grupos feministas compostos pelas estrangeiras na França. Nesses ainda havia uma particularidade: pelo fato de muitas das componentes virem de uma realidade de lutas sociais de esquerda junto a militantes homens, elas ainda queixavam-se de não terem direito a voz, ou seja, não eram ouvidas pelos dirigentes das organizações em suas colocações.

Segundo Wolff e Pedro, o grupo *Nosotras* formou-se através da articulação de Danda Prado, militante do Partido Comunista Brasileiro que, rumou para a França em 1970, e interessou-se pelas reflexões feministas e de mulheres. Para discutir mais profundamente as questões feministas com as quais entrou em contato, resolveu reunir mulheres brasileiras e outras latino-americanas que se encontravam em Paris. O conflito entre reivindicações sociais e individuais não tardou a aparecer. As mulheres militantes, que anteriormente, lutavam pelo bem estar da população, agora se viam discutindo em favor de direitos específicos das mulheres. Esse fato causou certo desconforto, por exemplo, para os maridos dessas integrantes que não admitiam não poder fazer parte desses grupos, não poder conhecer o que se passava nas reuniões; assim, muitos proibiram suas esposas de participarem dos grupos, o que nem sempre foi obedecido.

Os conflitos entre reivindicações sociais e individuais também passava pelo conflito entre idéias feministas e de esquerda. Assim como Danda Prado, muitas outras mulheres que participavam de grupos feministas neste período também participavam, ou haviam participado, de grupos de esquerda. A partir da vinculação com grupos feministas, muitas mulheres que antes eram militantes de esquerda deixavam sua militância de esquerda e assumiam somente a feminista. Isso acontecia porque estas mulheres não encontravam espaço para discussões e demandas de cunho feminista entre seus companheiros e companheiras de esquerda, pois muitos homens e mulheres destes grupos, apesar de reconhecerem que a opressão feminina existia, afirmavam que esta era uma questão secundária; a prioridade era a revolução socialista.¹²

Foi a partir de discussões em grupos como o *Nosotras* e o *Círculo de Mulheres Brasileiras* que muitas mulheres do Cone Sul, exiladas em decorrência das ditaduras militares desse período, conheceram as idéias feministas e, em muitos casos, se identificaram com o feminismo. Em entrevista, Margarita Iglesias, uma chilena que participou da resistência à ditadura em seu país, e por isso necessitou exilar-se, discorre sobre o seu contato com o feminismo:

Sim, eu conheci [o grupo *Nosotras*], fiquei sabendo delas, mas eu não me incorporei a esse grupo e o que fizemos foi formar um comitê de mulheres chilenas para dar assistência às mulheres presas no Chile, e poder dar apoio às mulheres que estiveram na resistência; e aí começaram a emergir posições feministas, muito

¹² Para mais informações sobre este assunto ver: HENTZ, Isabel Cristina. **Libertação das Mulheres ou Revolução Socialista? Embates entre Feminismo e Esquerda no período das ditaduras do Cone Sul.** Inédito. (Será publicado em livro organizado pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História)

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

fortes, e tivemos grandes discussões, e de imediato, me relacionei com movimentos feministas. E no ano que eu cheguei em Paris, sob as grandes mobilizações sobre a legalização do aborto, e eu participei dessas mobilizações, e foi o ano que se instaurou o aborto.¹³

Através das palavras de Margarita, pode-se inferir que o espaço maior de discussões no que concerne às demandas específicas das mulheres que a França¹⁴ oferecia naquele momento serviu para que as exiladas percebessem sua condição pouco satisfatória nas relações com os homens, fosse em casa ou nas organizações em que atuavam. Além disso, toda a organização para a formação de grupos que discutiam essas questões foi uma ferramenta importante para a difusão do feminismo.

A efervescência de movimentos culturais que ocorriam na Europa nesse período, situação destacada na fala de Margarita, atingiu muitas das exiladas. A visibilidade desses movimentos nos países europeus foi marcante para essas mulheres, pois, apesar de no Cone Sul também existirem muitos movimentos sociais, durante e devido às ditaduras, eles não podiam atuar plenamente, devido a forte repressão dos governos militares. Além disso, as idéias feministas de Segunda Onda não estavam tão consolidadas nos países do Cone Sul como na Europa, por exemplo, sendo que muitas mulheres só conheceram o feminismo a partir do exílio, mesmo que ele já existisse em seus países de origem.

Outra trajetória de identificação com o feminismo interessante é o da boliviana Susana Seleme¹⁵. Ela afirma que não vivia na Bolívia durante o período de ditadura militar. Apesar de não ser uma trajetória de exílio, sua história é pertinente para entendermos como o feminismo na Europa influenciou a identificação com o feminismo das mulheres do Cone Sul no período das ditaduras militares.

Susana Seleme diz que, apesar de ser boliviana, “viv[eu] fora do país sempre”, passando a infância e juventude na Argentina, além de ter viajado por países da Europa e por Cuba e México durante muitos anos. Durante o período de ditadura militar na Bolívia, Susana voltou a seu país por um curto período de tempo em 1968 e novamente em 1978, quando participou do MIR no momento em que este já estava saindo da clandestinidade.

Sua identificação com o feminismo foi na Europa e, segundo ela, influenciada pelos movimentos pós-1968:

¹³ IGLESIAS, Margarita. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital). Chile, junho de 2007. Arquivo do LEGH/UFSC. Transcrita por Priscila Carboneri de Sena e revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergenko.

¹⁴ É importante lembrar que não só a França oferecia esse cenário. Outros países europeus, assim como os EUA já sustentavam os movimentos feministas de forma bastante sólida.

¹⁵ As citações são de: ANTELO, Susana Seleme. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Gabriela Miranda Marques (digital). Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 10/12/2007. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz, revisada por Luana Lopes.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

S: Eu vivia na Europa entre os anos 62, 68 e 72. Passei na Europa como...

J: Onde na Europa?

S: Na Alemanha.

J: Na Alemanha.

S: Na Alemanha e com muita relação com a França e a Bélgica. Então eu vivi todos os prolegômenos e o desenvolvimento do que foi...

J: A segunda onda do feminismo.

S: Sim. Isso depois de maio de 68 porque minha aproximação ao feminismo deu-se através da política.

Além da influência dos movimentos pós-1968, Susana conta que o contato com as idéias feministas se deu a partir da participação em um grupo “de formação teórica marxista e também de formação feminista”, do qual participavam homens e mulheres que discutiam, entre outras questões, o “papel que [as mulheres] ocupavam na comunidade”. Foi em Berlim, para onde Susana foi com seu marido quando ele conseguiu um bom emprego neste país, que em contato com outras pessoas da América Latina também entrou em contato com o feminismo:

Bom, desde que chegamos em Berlim, imediatamente o grupo latino-americano era muito grande, todos com vinculações. Pelo menos do ponto de vista de simpatia pela esquerda, contra a Guerra do Vietnã, a favor dos movimentos de libertação... Aí foi crescendo nosso compromisso político e, em meu caso, paralelamente, meu compromisso com o feminismo.

Apesar de não se encontrar na Bolívia durante o período de ditadura militar, Susana Seleme participou da resistência, ainda que à distância, contra o regime militar em seu país. É o que nos sugere o trecho abaixo:

S: A época da ditadura na Bolívia, eu não a vivi porque estávamos precisamente entre Alemanha e Cuba.

J: Certo.

S: Mas na Alemanha, sim, tínhamos um grupo de resistência e de apoio.

J: Aos que ficaram.

S: Sim, aos que ficaram, e aos que saíram também ajudávamos.

J: Sim, como?

S: Organizávamos coleta, lhe procurávamos trabalho, vendas.

J: Uhum.

S: Porque, bom as pessoas chegavam sem nada... (J: Sem nada.) Chegava com família. (J: Sim, sim) E isso nós fizemos todos, não somente as mulheres.

Mesmo que não diga explicitamente, Susana nos sugere, com esta fala, que mesmo fora do país, ajudava na luta contra a ditadura auxiliando os exilados. Ela não faz nenhuma menção ao feminismo ao falar de sua atuação contra a ditadura, mas não é absurdo pensar que nesse seu trabalho com as pessoas exiladas, o tema do feminismo tenha aparecido. De forma semelhante a sua

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

própria trajetória (mesmo que não possamos considerar Susana como exilada) que a levou a grupos de latino-americanos que discutiam sobre marxismo e feminismo, a própria Susana pode ter influenciado na identificação com o feminismo de outras mulheres, quando esteve envolvida com exilados latino-americanos na Europa.

Outro caso interessante é o da também boliviana Mirian Suarez¹⁶. No começo de uma entrevista feita com ela, afirma que sua identificação com o feminismo não aconteceu no período de ditadura na Bolívia, durante parte do qual esteve exilada na Suécia. Mesmo assim, ao longo de sua entrevista, podemos perceber como o exílio influenciou sua identificação com o feminismo. Foi durante seu exílio que percebeu e passou a criticar muitas situações que aconteciam nas organizações de esquerda. É o que nos sugere o trecho abaixo, onde Mirian Suarez fala do machismo das organizações de esquerda:

Então esta passagem pelos partidos políticos, por haver conhecidos os movimentos revolucionários, já no exílio eu tinha uma atitude muito crítica a todas as pessoas que eram militantes revolucionários, que eram os que iriam mudar o país, o mundo e a América Latina, mas eram muito machistas. A maioria deles tinha duas ou três mulheres e era algo absolutamente normal, se justificava isto porque o coitado estava na guerrilha, então lá havia uma mulher para lhe atender, tem sua esposa, porém a companheira o atendeu o acompanhou então se justificava de muitas maneiras.

Uma situação que eu como mulher não podia justificar e a criticava. Esta é uma das coisas que comecei a criticar, a outra que eu criticava também, estando nestes movimentos, era a violência. Como um homem que quer transformar o mundo é capaz de levantar a mão às companheiras, que o acompanhou, que o seguiu, que havia sido sua companheira, esta é outra crítica. E outra crítica que também tinha era a respeito de que ele virando revolucionário então como revolucionário só lia o jornal, via televisão, enquanto as mulheres lavavam, cuidavam dos filhos, cozinhavam, plantavam, tudo isto. Estas críticas que tem a ver com a história mais ou menos própria das mulheres, foi a primeira coisa que me levou a um encontro de mulheres feministas, já estando longe de meu país.

Percebe-se nesta fala que Mirian Suarez passou a criticar, a partir de sua experiência no exílio, o fato de que a opressão feminina da sociedade em geral também se encontrava nos grupos de esquerda em aspectos como a violência contra as mulheres e o trabalho doméstico como atribuição feminina, por exemplo. É importante lembrar que, apesar de defenderem a revolução socialista, de idéias supostamente progressistas e igualitárias, os grupos de esquerda não tinham uma bandeira específica para acabar com a opressão feminina.

O que, porém, fez com que Mirian Suarez começasse a questionar as relações entre homens e mulheres dentro dos partidos de esquerda, algo que, como ela própria afirma “não me

¹⁶ SUAREZ, Mirian. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Gabriela Miranda Marques (digital). Santa Cruz, Bolívia, 10/12/2007. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Gisele Maria da Silva, revisada por Luana Lopes.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

passava pela cabeça questionar, me parecia que estava fazendo algo totalmente, de demasiada construção ou contribuição ao que poderia ser a transformação”? Segundo a boliviana, foram as leituras feministas que fez durante o tempo em que esteve exilada na Suécia:

Eu li bastante, e também buscava leituras que tentavam me explicar porque eu estava indo contra tudo, todo o partido, todo o discurso da revolução que não tinha uma sustentação real, porque se via tão mal com os maridos, com os homens, com o machismo e eu tive que no exílio me encontrar com companheiros que levavam duas ou três mulheres, e que se aceitava no país porque tinha filhos com as três mulheres. Então eu ia visitar um dia uma, outro dia outra, outro dia outra, e isto me parecia, não só de mal gosto se não tão injusto para as mulheres, tão injusto para as crianças, para os filhos, eu brigava por conta disto...

Foi um duplo processo: suas leituras faziam com que Mirian questionasse o machismo dentro das organizações e o machismo que observava a levava a ler mais para entender melhor o porquê e para combater essa situação.

O relato de Mirian Suarez é pertinente, pois mesmo que afirme não ter se identificado com o feminismo no exílio, certamente suas experiências na Suécia influenciaram-na na sua trajetória como feminista pós-ditadura. Depois que retornou à Bolívia, Mirian trouxe consigo as idéias feministas adquiridas no exílio e participou da criação de uma instituição feminista, a *Casa de la Mujer*, na qual atua até hoje. Esse é um exemplo da circularidade das idéias feministas que, no caso da trajetória de Mirian Suarez, assim como de muitas outras mulheres, foram adquiridas em exílio na Europa, viajaram de volta ao Cone Sul e frutificaram em ações e organizações feministas nestes países.

Além dos casos já citados, de mulheres que tiveram contato com o feminismo durante seu exílio na Europa, cabe ainda contar a trajetória da paraguaia Nadimyi Perla Yore¹⁷. Apesar de sua trajetória feminista não ter relação com o tema deste artigo (a identificação com o feminismo em experiências de exílio na Europa) sua entrevista é bastante interessante para se entender o que acontecia quando voltavam a seus países de origem as mulheres que haviam se exilado e se identificado com o feminismo no exílio.

Durante a ditadura de Stroessner, Nadimyi Perla Yore se exilou na Argentina. Lá entrou em contato com idéias e grupos feministas que a influenciaram em sua identificação com o feminismo. Sobre sua identificação com o feminismo, Nadimyi fala em especial de uma feminista, Carmen Soler. Ao se referir a ela, fala:

¹⁷ YORE, Nadimyi Perla. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff (digital). Assunção, Paraguai, 22/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz, revisada por Luana Lopes.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Ela já foi presa, torturada, ela atuou no comitê político, atuou muito no enfrentamento com os companheiros, defendendo a postura... a postura da participação da mulher. Obviamente, era outra geração, então nós a víamos muito pouco, e ela nos fez tomar contato com grupos de mulheres do exterior, não somente da Argentina, mas, além disso, da Suécia, onde ela foi exilada, esteve quase 15 anos, exilada aí, e, além disso, é com ela que nós ingressamos à Federação Internacional das Mulheres Democráticas, que no ano 75, fazem, organizam um encontro, creio que foi em outubro, em Berlim. E nós tivemos a oportunidade de participar nesse evento.

Podemos perceber neste trecho de entrevista os ecos da identificação com o feminismo. Carmen Soler esteve exilada na Suécia onde, a partir do que nos sugere o trecho acima, teve contato com idéias feminista e estabeleceu redes de relação. Depois que retornou de seu exílio, influenciou na identificação com o feminismo de outras mulheres, inclusive exiladas. Essas exiladas retornam a seus países de origem e lá fundam e atuam em organizações feministas, influenciando outras mulheres em suas identificações com o feminismo. É como um efeito cascata.

Utilizar análise de trajetórias é muito rico para o estudo histórico. As trajetórias, que aparecem neste artigo na forma de entrevistas de história oral, possibilitam que se entre no campo do cotidiano e da subjetividade, mostrando os diversos caminhos percorridos e escolhas tomadas por diferentes pessoas que viveram situações semelhantes. É o caso do tema analisado neste artigo: apesar de muitas mulheres terem vivido em contextos semelhantes, de ditadura, repressão, exílio e identificação com o feminismo, cada uma delas teve uma trajetória única, pessoal. Justamente por serem tão pessoais, únicas de cada indivíduo, as trajetórias não devem ser tomadas como modelo, na tentativa de generalizar experiências, nem devem ser interpretadas a partir de modelos, partindo-se do princípio que vivências comuns levem a trajetórias semelhantes.

Somente com os exemplos destas trajetórias, podemos perceber como o contato dessas mulheres latino-americanas com o feminismo de Segunda Onda na Europa foi um importante veículo para propagar as idéias feministas que auxiliaram e ainda auxiliam a modificar as relações destas mulheres com os homens que as rodeiam. Isto nos mostra que pelos mesmos caminhos que circulam pessoas, circulam também idéias que se convertem em ações.